

Álvaro Pinto e a 'Renascença Portuguesa'

P ASSADAS as paixões próprias da vida, faça-se a serena justiça que só a morte consente. Mais do que como escritor, comentador político e jornalista, de que lhe sobram títulos, Álvaro Pinto ficará ligado à história das letras portuguesas e brasileiras, como animador de grandes movimentos e empreendimentos literários.

Seu camarada e amigo desde a adolescência, tendo assistido aos seus primeiros passos naquela carreira que lhe ocupou toda a vida, é-me grato testemunhar o que ela significou em seus começos.

O movimento da «*Renascença Portuguesa*», que dominou uma fase da literatura nacional, deve-lhe em grande parte o ser. É certo que Pascoais, Leonardo Coimbra, Augusto Casimiro, Vila Moura, Mário Beirão, Raul Proença, Augusto Martins e tantos outros, entre os quais nós próprios, foram a alma desse movimento. Mas Álvaro Pinto foi a coluna vertebral. Sem a sua capacidade organizadora, isenção e vontade férrea — aquele *talant de bien faire* — mote do Infante Navegador — esse movimento não haveria alcançado expansão e unidade, mercê de duas revistas próprias, 'A Águia' e 'A Vida Portuguesa', duma *Universidade Popular*, e duma casa editora tendo vivificado pela sua iniciativa.

Eu próprio devo, como tantos outros escritores, à sua camaradagem exemplar, o lançamento de muitos dos meus primeiros livros. Se meu Pai, tão altamente com-

preensivo, foi o meu primeiro editor, sucedeu-lhe Álvaro Pinto, que me estimulou, com frequência, a escrever e benemèritamente editou algumas das obras seguintes.

Depois os tempos mudaram. E cada um seguiu o seu caminho, quase sempre divergente no espaço e muito mais nas ideias. Mas os dois permanecemos fiéis à nossa velha amizade, mais que uma vez triunfante das paixões de momento.

Mas de novo, mercê dessa amizade, permaneci creedor. Em horas amargas, foi-me solícito e fraterno amparo. Se alguma nuvem lhe velou o ânimo por momentos, ele nunca desmentiu as nobres raízes do seu carácter. Na desgraça aprendi melhor a conhecer-lhe o devotamento e a fidalguia.

Recordo que um dia, ou melhor uma noite, ele conseguiu, por singular favor, tirar-me durante algumas horas da prisão, para levar-me a uma Exposição de Arte Antiga, que me interessava, como me interessa o ar e a luz. Horas tardas e depois de havermos ceado juntos, chegados cá fora, abraçou-me, despediu-se e, sem uma palavra, deixou-me só na rua; e eu regresssei à prisão.

Hoje ele é o único que está livre. Inteiramente livre. E é em nome duma amizade, também totalmente livre, que aqui deixo esta fraterna homenagem ao homem, ao escritor e ao amigo.

Rio de Janeiro, 1956.

Luiz Costa
